



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

DARA ARAÚJO DA ROCHA

COMUNIDADE LGBTQ+: RESSIGNIFICANDO O VOCABULÁRIO DO PAJUBÁ

**Palmas - TO
2020**

DARA ARAÚJO DA ROCHA

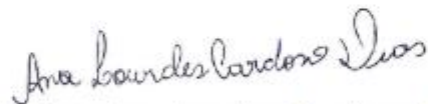
COMUNIDADE LGBTQ+: RESSIGNIFICANDO O VOCABULÁRIO DO PAJUBÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins - Campus Palmas com habilitação Letras/Língua Portuguesa.

Professora Orientadora: Prof. Dr^a. Ana Lourdes Cardoso Dias.

Aprovado em: 20/02/2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias
IFTO – CAMPUS PALMAS



Profa. Dra. Mirelle da Silva Freitas
IFTO – CAMPUS PALMAS



Profa. Ma. Verônica Ramalho Nunes
IFTO – CAMPUS PALMAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bibliotecas do
Instituto Federal do Tocantins

J56l Rocha, Dara Araújo da
Comunidade LGBTQ+: Resignificando o vocabulário do Pajubá /Dara
Araújo da Rocha. – Palmas, TO, 2020.
74 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2020.

Orientadora: Dr^a. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Pajubá. 2. LGBTQ+. 3. Sociedade. 4. Sinonímia.
I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A todos que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a toda a minha família, mas meu agradecimento mais profundo vai para a minha irmã Tatiana Araújo por ter sido pai, mãe, amiga e acima de tudo conselheira. Você sempre acreditou em mim e eu sou muito grata por tudo. Para sempre.

Aos amigos que a faculdade me presenteou, Adson Viana e Fagner Andrade. Com certeza, fizeram uma enorme diferença ao longo desses quatro anos e essas amizades, eu lavarei para a vida toda. Obrigada por todos os conselhos e por sempre ficarem ao meu lado para me apoiar quando eu mais precisei e me senti sozinha.

A minha amiga Luma Nunes, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Obrigada por todas as conversas que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Você sempre será lembrada como parte dessa jornada.

Ao meu namorado Héwerton Soares pela generosidade, bondade e acima de tudo pela enorme paciência em me ouvir reclamar de tudo e tentar me acalmar durante todos os surtos de incapacidade, e foram muitos, mas seu apoio foi fundamental para que encontrasse força para não desistir.

À professora Ana Lourdes por acreditar na minha pesquisa desde a disciplina de Semântica. Nem sempre foi fácil me orientar, principalmente quando eu estava submersa nos meus vários bloqueios para escrever, mas sempre me apoiando da melhor forma possível. Eu sempre me lembrarei desse trabalho com carinho.

A minha supervisora do estágio não obrigatório Livia Melo, por me ensinar tanto sobre amar ser professora e me esforçar para fazer a diferença por onde eu passar, não importando as dificuldades que encontrar. Obrigada por me fazer enxergar que eu sou boa no que faço.

A todos os professores do curso de Letras que de alguma forma foram essenciais para que tudo isso fosse possível.

Aos colegas do curso de Letras, em especial aos da minha turma por participarem comigo dessa jornada, nem sempre foi fácil, mas com toda certeza me lembrarei de muitos com carinho.

Aos participantes da pesquisa que foram bastante prestativos em ceder um pouco do seu tempo para responder as perguntas relacionadas ao Pajubá. Obrigada, de coração, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

E por fim, agradeço imensamente a Deus, porque é fundamental acreditar, ter fé. E depois desses quatro anos, agora eu sei que a minha fé pode me levar aonde eu quiser.

Mutação: a chave para nossa evolução. Foi como evoluímos de um organismo unicelular para a espécie dominante do planeta. É um processo lento, normalmente levando vários milhares de anos. Mas de tempos em tempos milênios a evolução dá um salto adiante.

(SINGER, BRIAN, X-MEN 2, 2003).

RESUMO

Este trabalho investiga o processo de sinonímia que ocorre durante o uso do vocabulário do Pajubá no contexto da comunidade LGBTQ+ e oferece uma discussão relevante para o âmbito acadêmico e para o público em geral. Essa discussão em torno do Pajubá torna-se necessária devido aos poucos trabalhos científicos referentes a essa linguagem, e também pelo grupo social LGBTQ+ ainda ser bastante marginalizado, apesar de uma grande parcela da sociedade utilizar esse vocabulário cotidianamente. A pesquisa visa despertar discussões sobre a riqueza linguística existente na língua portuguesa falada em diversas situações de uso e contextos socioculturais. Para isso, utiliza-se de alguns teóricos como Laraia (2013) e Hall (2006) que tratam de questões relacionadas à identidade e cultura e outros como Biderman (2006) e Ilari e Geraldi (2004) que tratam da temática referente a léxico e sinonímia. Assim, trazer para o ambiente acadêmico esse vocabulário que se tornou popular não só na comunidade LGBTQ+, mas em diversos em grupos sociais. Entretanto, o Pajubá tem seu surgimento e contexto desconhecido, ocasionado pelo preconceito ainda enraizado em relação à comunidade em questão. Quanto à metodologia, adotou-se a pesquisa a qualitativa de cunho bibliográfico e explicativo. A coleta de dados fez-se por meio de entrevistas com pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+, moradores da cidade Palmas Tocantins, no período de outubro a novembro de 2019. Os resultados revelaram que os itens lexicais analisados carregam aspectos socioculturais e indentityários que podem ser vistos também como termos simbólicos que configuram ideologias predominantes nessa comunidade, repercutindo de maneira negativa, quando desperta o preconceito, mas também positiva, quando os falantes da língua portuguesa os incorporam na sua linguagem cotidiana.

Palavras-chave: Pajubá. LGBTQ+. Sociedade. Sinonímia.

ABSTRACT

This study investigates the synonymy process that occurs during the use of Pajubá vocabulary in the context of the LGBTQ + community and offers a relevant discussion for the academic scope and general public. The discussion around Pajubá language is necessary due to the few scientific papers referring to this language and also because the LGBTQ + social group is still quite marginalized, despite the fact that a big part of society uses this vocabulary on a daily basis. The research aims to awaken discussions about the linguistic wealth existing in the Portuguese language spoken in different situations of use and sociocultural contexts. For that, some theorists were studied, like Laraia (2013) and Hall (2006) that deal with issues related to identity and culture and others like Biderman (2006) and Ilari and Geraldi (2004) that deal with the topic related to lexicon and synonymy. On this way, bringing to the academic environment this vocabulary that has become popular not only in the LGBTQ + community, but in several social groups. However, Pajubá has its emergence and context unknown, caused by the prejudice still rooted in relation to this community. Talking about the methodology, it was adopted the qualitative bibliographic and explanatory research. The data collection was made through interviews with people belonging to the LGBTQ + community, residents in the city Palmas Tocantins, from October to November 2019. The results revealed that the analyzed lexical items carry sociocultural and identity aspects that can be seen also as symbolic terms that configure ideologies prevalent in this community, having a negative impact, when it awakes prejudice, but also positive, when Portuguese speakers incorporate them in their daily language.

Keywords: Pajubá. LGBTQ +. Society. Synonymy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – itens lexicais de Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada (2006)	24
Quadro 02 – itens lexicais de Bichonário – Um Dicionário Gay (1996)	24
Quadro 03 – vocabulário do Entrevistado 1	32
Quadro 04 – vocabulário da Entrevistada 2	35
Quadro 05 – vocabulário do Entrevistado 3 que	37
Quadro 06 – vocabulário da Entrevistada 4	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE E CULTURA.....	Error! Bookmark not defined.
1.1 IDENTIDADE.....	14
1.2 CULTURA.....	16
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O VOCABULÁRIO DO PAJUBÁ.....	18
2.1 IDENTIDADE SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO	18
2.2 A ORIGEM E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAJUBÁ.....	21
2.3 AURÉLIA – A DICIONÁRIA DA LÍNGUA AFIADA E BICHONÁRIO – UM DICIONÁRIO GAY.....	23
CAPÍTULO 3 – A LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO.....	25
3.1 LÉXICO	25
3.2 SINONÍMIA.....	27
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	30
CAPÍTULO 5 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve através de estudo, fatores semânticos relacionados ao vocabulário do Pajubá que pode ser utilizada como um meio de comunicação para a comunidade LGBTQ+. Apesar de não ser exclusivamente utilizada por esse grupo, essa linguagem não é valorizada pela sociedade brasileira por consequência da ideologia predominante de diversos grupos sociais ainda gerar intolerância e falta de conhecimento, principalmente quando relacionado a gênero e sexualidade. Consequentemente, ignorando a importância da preservação de variedades linguísticas e a possibilidade do enriquecimento comunicativo através das interações sociais.

Há de se considerar que os seres humanos estão em constante busca pela sua identidade e, por isso, a identificação linguística tornou-se uma busca constante do homem, uma vez que comportamentos surgiram com particularidades marcantes, sejam elas iguais ou diferentes do modelo de sociedade o qual estamos inseridos. A reestruturação veio por intermédio da oralidade que tornou possível expressar gostos, opiniões e vivências, construindo assim, a formação de uma personalidade para os indivíduos bem como a sua inserção em círculos sociais. Percebe-se que a motivação de reconhecimento e compartilhamento de características entre indivíduos são imprescindíveis para o processo de identificação.

Nesse contexto, apresentam-se as seguintes perguntas norteadoras para essa pesquisa: por que as pessoas da comunidade LGBTQ+ utilizam esse vocabulário? Quais significados essas palavras tem para essas pessoas? E se o uso desse vocabulário é visto com preconceito pelas pessoas fora do meio LGBTQ+? A hipótese do trabalho é que a comunidade LGBTQ+ começou a utilizar esse vocabulário como um código para que pessoas fora do grupo em questão não pudessem compreender os significados dos vocábulos.

Com isso, delineiam-se os seguintes objetivos da pesquisa. O objetivo geral foi à elaboração de um estudo com o propósito de verificar as motivações do uso do léxico do Pajubá pela comunidade LGBTQ+, na tentativa de colaborar para futuros estudos semânticos. Porém, para ter uma resposta mais eficaz para esse objetivo geral, delimitaram-se os seguintes objetivos específicos: apresentar as palavras do Pajubá frequentemente utilizadas pelos participantes da pesquisa; entender seus respectivos significados e contextualização de uso e; interpretar essas palavras para compreender

o uso como sinônimos no cotidiano do grupo social LGBTQ+. Os métodos do estudo tiveram como tipo de pesquisa, a descritiva e a exploratória.

O estudo justifica-se primeiramente pelo interesse da pesquisadora pela temática e também pelas seguintes razões: contribuir para as discussões em âmbito acadêmico, científico e para o reconhecimento dessa linguagem para a sociedade em geral. Justifica-se também pela necessidade de dar visibilidade a esse assunto, principalmente sobre a importância da preservação das várias perspectivas linguísticas tanto na compreensão dos vários significados do Pajubá quanto de outras variações da língua.

Em relação à estrutura do trabalho, foi organizada em capítulos. No primeiro capítulo, verificam-se os conceitos e principais características de identidade e cultura. No segundo capítulo, apresenta-se uma explanação sobre identidade de gênero e identidade sexual, além de uma contextualização do Pajubá e sua origem. Para finalizar esse capítulo, apresentam-se os dicionários Aurélia A Dicionária da Língua Afiada e Bichonário – Um Dicionário Gay. O terceiro capítulo faz-se uma abordagem referente às definições de léxico e sinonímia. No quarto capítulo, expõe-se sobre a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Por fim, no quinto e último capítulo, desenvolve-se a análise do vocabulário do Pajubá, assim como a discussão dos resultados. Encontram-se também no final do trabalho as considerações finais e referências.

CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE E CULTURA

Neste capítulo, são abordados os aspectos relacionados à identidade e cultura, uma vez que a partir do modelo em que a sociedade foi moldada em processo histórico é possível encontrar o fator diversidade, ou melhor, muitas diferenças existentes dentro de cada grupo social. Partindo desse pressuposto, a conceituação dessas questões é baseada nos estudos teóricos de Silva (2003) e Hall (2006), entre outros autores, os quais fazem uma abordagem em relação à identidade e diferença. Além disso, o enfoque sobre cultura parte de Sahlins (1997) e Laraia (2013) que trazem uma explicação sobre as diversas formas de expressão cultural existente na sociedade.

1.1 IDENTIDADE

Hall (2006) ressalta que a definição de identidade é complexa. Porém, de acordo com o autor, um dos argumentos de conceituação de identidade pode ser a certa relação do pertencimento de pessoas a uma cultura étnica, racial, linguística, religiosa ou, até mesmo as características nacionais.

Hall (2006) aponta que as questões identitárias envolvem o indivíduo por determinarem qual a origem de uma pessoa, a orientação sexual, a cor da pele ou até mesmo o gênero no qual alguém se identifica, convertendo essa conceituação amplamente ligada à diferença em razão da identidade e a diferença serem destacadas por características individuais de uma pessoa. A partir dessa conceituação, pode-se dizer que identidade e diferença fazem parte do mesmo processo.

Segundo Silva (2003, p. 75), “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. Desse modo, a diferença tem relação direta com a identidade, uma vez que uma pessoa possui sua identidade moldada com base em situações internas dependentes de si mesma e de suas experiências. Essa ideia de pluralidade de identidade pode ser interpretada de maneira inadequada, uma vez que é utilizada para reforçar a diferença.

Posto isso, “além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são os resultados de atos de criação linguística” (SILVA, 2003, p. 76). Assim, a identidade e a diferença existem a partir do momento

que o ser humano enquanto sujeito social e cultural estabelece essa relação mediante as representações culturais e sociais desempenhadas pelos sujeitos em questão.

A sociedade está em constante mudança. Logo, para Silva (2003), o modelo de sociedade que estamos inseridos se tornou dominante e, por consequência, construiu-se um vasto campo de identidades. Com essas mudanças ao longo do tempo, somos contrastados cotidianamente com as mais diferentes configurações culturais e sociais, como por exemplo, as novas características que definem as identidades de gênero. De acordo com Silva (2003):

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla [...] (SILVA, 2003, p. 93).

Hall (2006, p. 13) denomina o processo de identificação como provisório, variável e problemático porque o sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa ou permanente, dado que a identidade “é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...]”. Por essa razão, à medida que somos confrontados com as mais diversas representações culturais, somos também levados a múltiplas identidades, com as quais o processo de identificação ocorrerá, mesmo que momentaneamente.

A identidade é formada por consequência das diferenças e com isso, Hall (2001, p. 112) apresenta a ideia de que “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir”. Ou seja, a partir do momento que a sociedade passou por mudanças estruturais até chegar ao atual modelo, o autor afirma que as condições identitárias individuais das pessoas também foram e estão sendo modificadas. A partir dessas múltiplas identidades, estabeleceu-se a existência das diferenças e consequentemente a ocorrência da descentralização das pessoas em seu convívio social, cultural e entre outras.

Nesse contexto, Silva (2003, p. 82) ressalta que “afirmar identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinção entre o que fica dentro e o que fica fora”. Com isso, o processo de construção da identidade passa pela fase na qual o indivíduo tenta tornar fixa a identidade, é também nesse processo que o indivíduo tende a desestabilizar a identidade. Essa perspectiva integra-se com a de Hall (2006) quando este destaca que no momento em que a sociedade passa por estratificações estruturais, a descentralização das identidades se torna frequente, ocasionando a crise

de identidade, isto é, pessoas que enfrentam um processo de dúvida sobre a existência e, por consequência, sobre a sua essência, na qual é definida a identidade de alguém.

1.2 CULTURA

O atual modelo social que as pessoas estão inseridas apresenta muitas questões relacionadas ao multiculturalismo e diferença. Em relação a essa afirmação, Silva (2003, p. 73) ressalta que “em geral, o multiculturalismo apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença”. Por meio desse apontamento, pode-se dizer que nessa perspectiva, a ideia de diversidade é a que mais serve como base para a conceituação de cultura, uma vez que a configuração socialmente aceita é a de tolerância e respeito acerca da diversidade cultural.

Por conseguinte, a concepção sobre identidade incorpora-se com o pensamento em relação à cultura. Segundo Sahlins (1997), o termo cultura está longe de desaparecer, em razão de que a vida social humana é dotada de pluralidade e marcada particularmente pelas diferenças construídas desde os primórdios da civilização e demarcam diferentes costumes, características e peculiaridades de um povo e, sobretudo demonstra as infinitas formas de diferenças que existem/existiram na sociedade ao longo do tempo.

A definição de cultura, assim como a de identidade, também é bastante complexa. Conforme Laraia (2013), uma das primeiras definições sobre o conceito de cultura partiu do ponto de vista antropológico de Edward Tylor. No entanto, as definições aplicadas por ele, segundo o autor, é apenas uma formalização do que já estava se desenvolvendo na mente dos seres humanos. Nesses termos, a abordagem da cultura para Tylor é defendida como um fenômeno natural que permite a formulação tanto do processo cultural quanto da evolução. A partir disso, é possível definir cultura como:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2013, p. 25).

Em contrapartida, Sahlins (1997) evidencia que a cultura pode ser vista como uma forma de intensificar as diferenças, ou até mesmo fazer com que essas diferenças

se transformem em um modelo de segregação e como resultado, controlar uma massa, sobre o pretexto de propagação da cultura. Conforme Sahlins (1997):

A cultura é um meio ideológico de vitimização. Como disciplina responsável pela promoção do conceito, a antropologia conspira para a criação das classes, raças, povos colonizados ou qualquer outra distinção semelhante que sirva a subordinação e a exploração. (SAHLINS, 1997, p. 43).

No entanto, Laraia (2013, p. 53), ao tentar simplificar essa questão, expõe a teoria de que “o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder”. Em suma, é possível destacar que existem múltiplas abordagens e perspectivas referentes ao conceito do que é cultura e sua origem.

Laraia (2013) ressalta ainda que a cultura é um processo adquirido mediante a convivência social, através do comportamento expressado em cada sociedade, como por exemplo, a maneira de vestir, de falar, como se comportar e as ações em relação ao outro é determinado pela transmissão de experiências provenientes da convivência social. Por meio dessas transmissões sociais, é possível internalizar conhecimentos linguísticos, culturais, informações que possibilitam o processo cultural.

Nessa perspectiva, Sahlins (1997) define a cultura como um processo de transmissão, uma vez que um grupo social tem um sistema de organização das experiências baseado em tradições, pontos de vista sobre o mundo ao redor, além dos princípios de moralidade e emocionais, ou seja, as pessoas constroem a cultura a partir do que é ensinado. Com isso, pode-se dizer que as tradições nas quais os ancestrais perpassavam ao longo de suas gerações era uma forma de que cada povo possuísse seu conceito de felicidade e realidade.

Essa construção de tradições é um processo que Hall (2006) considera como práticas inventadas por um povo que se transformam em simbologia. Com isso, as tradições são utilizadas como uma maneira de estabelecer os valores morais e princípios de conduta mediante a constante repetição de ações. Ao longo do tempo, o contexto histórico construído torna-se um dos principais fatores para a existência e perpetuação da identidade de um grupo social e, conseqüentemente, a formação de uma cultura baseada em tradições.

Portanto, sobre a origem da cultura, Sahlins (1997), caracteriza que a função principal do processo cultural foi a de colonizar, atribuindo esse processo também o conceito de diferença. Isto é, “a diferença cultural não tem nenhum valor. Tudo

depende de quem a está tematizando, em relação a que situação histórica mundial” (SAHLINS, 1997, p. 45). Assim, a cultura tem a finalidade de não só de demarcar a identidade e o destino de um povo, mas também se apresenta como um projeto colonialista de estabilização.

Justifica-se este capítulo sobre identidade e cultura, uma vez que a cultura só pode ser passada de geração para geração por meio da língua e a identidade só pode ser firmada por meio do discurso linguístico. Sendo assim, no capítulo seguinte, serão expostas explanações relacionadas à identidade sexual e identidade de gênero, como uma forma de compreender as motivações de uso do vocabulário do Pajubá.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O VOCABULÁRIO DO PAJUBÁ

Neste capítulo, serão abordados tópicos referentes ao vocabulário do Pajubá, utilizando, primeiramente, uma contextualização pertinente às concepções de identidade sexual e identidade de gênero, uma vez que este trabalho tem o objeto de estudo voltado para a comunidade LGBTQ+. Além disso, apresenta-se também a origem e contextualização do Pajubá e uma breve explanação sobre os dicionários frequentemente utilizados quando se trata dessa temática.

2.1 IDENTIDADE SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

Neste tópico, serão apresentadas as principais configurações relacionadas a gênero e sexualidade.

Grossi (1995) indica que é frequente na cultura ocidental a associação de gênero com sexualidade, uma vez que a categorização de pessoas que se relacionam sexualmente ou afetivamente com o mesmo sexo são denominadas homossexuais, o que remete a ideia de homossexualidade como perversão ou anormalidade. No entanto, as questões relacionadas à sexualidade são criadas socialmente, como por exemplo, a heterossexualidade que, por ser denominada a relação entre pessoas de sexos opostos, é vista como um instinto natural dos seres humanos e por essa construção social, as outras múltiplas formas de relacionamento são denominadas antinaturais.

Seguindo essa linha, Jesus (2012, p.10) destaca que “todos os seres humanos podem ser enquadrados (com todas as limitações comuns a qualquer classificação)

como transgênero ou cisgênero”. Nesse sentido, cisgênero ou cis se caracteriza pelo indivíduo que se identifica com sexo atribuído desde o seu nascimento. Em contraponto, transgênero ou simplesmente trans, é definido como os indivíduos que não se identificam com o gênero atribuído desde o nascimento.

Seguindo este ponto de vista, Stoller (1978 *apud* JESUS, 2012) afirma que gênero e sexualidade não são dependentes, pois, a ação de escolher o objeto sexual de desejo geralmente ocorre ao longo da adolescência e não necessariamente influencia na identidade de gênero do sujeito. Isto é, um homem que se sinta atraído exclusivamente por outros homens, mas não deixa de se identificar como pertencente do gênero masculino.

Além disso, o termo travesti é utilizado antes mesmo de surgir à definição para transgênero. Dessa forma, Jesus (2012) reconhece a identificação de travesti como sendo uma pessoa que desempenha papel feminino, mas não se identifica como homem ou mulher, caracterizando como uma pessoa não gênero. Além desses termos, a autora sugere que existe também o termo *drag queen*, ou o termo mais antigo, transformista, que é utilizado para caracterizar artistas homens que utilizam a feminilidade de forma estereotipada para se fantasiarem como mulheres ou mulheres que se fantasiam de homens com o objetivo de proporcionar entretenimento em função artística.

Jesus (2012) destaca até mesmo algumas outras definições tais como, pessoas que se identificam com o termo assexual e por isso não sentem atração sexual por pessoas de qualquer gênero. Além disso, o termo bissexual é utilizado para pessoas que se sentem atraídas afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer outro gênero. É relevante conceituar também o termo *crossdresser*, no qual caracteriza uma pessoa que faz uso de acessórios que não fazem parte do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, mas não possuem a identificação de travesti ou transexual, pois geralmente os *crossdressers* são homens heterossexuais.

Nesse contexto, foi recentemente integrado à sigla LGBT a letra Q, na qual nomeia o grupo social *queer*, palavra usada para representar a comunidade que não se identifica com os padrões da heterossexualidade e nem do binarismo de gêneros. Essa perspectiva é relativamente nova e busca corroborar a visão de que a identidade sexual surgiu mediante os contextos socioculturais que definem os indivíduos em binarismo, ou seja, homem e mulher, heterossexual e homossexual. Sobre o comportamento de cada indivíduo que produz uma identidade social, Butler (2012 *apud*

BORBA, 2015, p. 59) afirma que “[o] gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

O conceito de gênero começou a ser discutido por intermédio de pesquisadoras norte-americanas que categorizaram a identidade como sendo de homem ou mulher. De acordo com Jesus (2012) existe uma multiplicidade de características que nos transformam em indivíduos únicos, como por exemplo, religião, idade, nacionalidade, atribuições físicas, entre outras características que marcam a diversidade da condição humana, e entre essas condições está o gênero. Nesse sentido, desde muito cedo somos levados a agir de acordo com as imposições criadas socialmente acerca do sexo biológico.

Jesus (2012, p.7) defende ainda que crescemos sendo ensinados que “homens são assim e mulheres são assado, porque é da sua natureza, e costumamos realmente observar isso na sociedade”. Essa relação entre homem e mulher é basicamente construída pela sociedade, ou seja, as pessoas crescem sendo levados a acreditar que o homem e a mulher devem desempenhar seu papel adequado. Porém, boa parte das características atribuídas para os gêneros são totalmente influenciadas pela convivência social.

Assim, a sociedade propaga a ideia de que os órgãos sexuais são uma forma de definir um indivíduo como homem ou mulher, relacionando essa identificação como sendo um fator biológico. Jesus (2012) destaca que:

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. (JESUS, 2012, p. 8).

Por fim, é relevante enfatizar que sexo é biológico, porém gênero é social, uma vez que a identidade de gênero é muito mais ampla do que o sexo biológico. Nesse sentido, Jesus (2012, p. 8) sintetiza que “o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”. Por essa razão, a construção identitária feita pela sociedade é que caracteriza os papéis que cada indivíduo deve desempenhar.

2.2 A ORIGEM E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAJUBÁ

Cruz e Tito (2016) evidenciam que o Brasil é imensamente composto de multiculturalidades, visto que a construção social do país se deu por meio de diversos povos e culturas. Nessa construção da sociedade, as culturas europeias, indígenas e africanas se integraram na formação da cultura brasileira. Dentre essas culturas, a africana trouxe aspectos relevantes devido à aproximação dos brasileiros com as religiões de matriz africana, como por exemplo, do Candomblé e Umbanda. Essa influência pode ser percebida no vocabulário oriundo de cultos religiosos, rezas, orações e outras cerimônias provenientes dessas religiões.

Outro aspecto importante é que essas palavras com inspirações religiosas não são utilizadas somente nesse contexto. Segundo Netto Júnior (2018, p. 4), o Pajubá ou Bajubá “se enquadra na vertente de gíria de grupo, pois ele é usado por um grupo social de determinadas pessoas, ou seja, o uso e o entendimento da maioria das palavras utilizadas nessa linguagem são praticamente exclusivos dos falantes dessa gíria”. Entretanto, não existem registros oficiais sobre essa linguagem.

As expressões do Pajubá foram construídas com base no idioma Iorubá. Seguindo esse ponto de vista, Cruz e Tito (2016, p. 13), ao tratarem dessa linguagem, apontam que “o Iorubá é uma língua única, estabelecida por um grupo de línguas regionais concentradas no sudoeste da Nigéria e no antigo reino de Queto, atualmente na República do Benim, onde é intitulada como nagô”. Com isso, as expressões do Pajubá estão relacionadas mais ao Candomblé do que com a Umbanda, uma vez que esta, além de aproximar-se dos dogmas católicos, os orixás africanos assemelham-se com as funções que os santos possuem no catolicismo. No entanto, o Candomblé não carrega esse mesmo sincretismo e tem seus ritos realizados ainda no idioma Iorubá.

Cruz e Tito (2016) afirmam ainda que o Candomblé tem origem relacionada a um período de separação racial e conseqüentemente foi equiparada ao conceito de feitiçaria ou magia negra e com isso passou a ser vista de forma hostilizada. A partir dessa marginalização religiosa, o Candomblé passou a aceitar seus membros sem nenhuma distinção. Em contrapartida, a Umbanda, assim como outras religiões, possuía um ponto fundamental e indiscutível, a homossexualidade como uma transgressão religiosa. Sobre isso, Cruz e Tito (2016) destacam:

Nesse sentido, pode-se dizer que foi a “abertura de portas” para o ingresso dos homossexuais poderem dedicar-se a uma crença religiosa, sem que fossem

discriminados ou tivessem de abdicar de sua orientação sexual em prol de um dogma religioso. (CRUZ; TITO, 2016, p.16).

Em decorrência disso, as religiões de matriz africana contribuíram de forma significativa para a construção do Pajubá dentro da comunidade LGBTQ+, uma vez que, segundo Cruz e Tito (2016), os homossexuais não são aceitos nas principais religiões tradicionais como o Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Faz parte dos dogmas dessas religiões que as pessoas com essa orientação sexual estejam cometendo algum tipo de transgressão. Contudo, elas encontram essa aceitação ou até mesmo refúgio, nas religiões de matriz africana, sobretudo no Candomblé. Posto isso, podemos perceber o vocabulário utilizado em terreiros como uma forte influência para a construção dessa linguagem em estudo.

Silva Filho (2010) pontua que a identidade social de um grupo é formada por uma série de expressões utilizadas para facilitar a comunicação. Para tanto, o Pajubá foi inicialmente utilizado pelos travestis e transexuais, como uma forma de comunicação entre pessoas desse mesmo grupo para que a fala não pudesse ser decodificada por outras pessoas, principalmente pelos policiais, dado que alguns indivíduos desse grupo eram ligados à prostituição.

Apesar disso, o Pajubá conquistou espaço no vocabulário da comunidade LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e outros) em geral, influenciando até mesmo outros grupos sociais. De acordo com Silva Filho (2010), ainda que utilizado preliminarmente pelos travestis e transexuais, o Pajubá possui parte de seus verbetes derivados do lorubá, mas também de outros idiomas.

O bajubá é parte do processo criativo, tão somente incorpore uma série de palavras de línguas alienígenas, como as provenientes do lorubá-Nagô, do francês, do inglês, não estejam atreladas ao uso performático que a linguagem acaba acarretando, ou seja, é apenas um elemento na construção da identidade homossexual. (SILVA FILHO, 2010, p. 3).

A influência linguística que o lorubá possui sob o português é o resultado da escravatura propagada no Brasil ao longo de décadas. Antônio Gasparetto Junior, do Portal eletrônico Cultura Afro-Brasileira, denomina os sudaneses como um dos povos mais vendidos do continente africano, no qual são divididos em subgrupos, os lorubás, Gegês e Fanti-Ashantis. Assim, as influências na maneira de falar são indiscutíveis ao ponto que as palavras inseridas no Pajubá são derivadas das conversas e rituais presentes em terreiros de Candomblé.

2.3 AURÉLIA: A DICIONÁRIA DA LÍNGUA AFIADA E BICHONÁRIO: UM DICIONÁRIO GAY

Fundamentado na linguagem do Pajubá e a partir da popularidade dessa forma de expressar-se, de acordo com Araújo (2018) foi publicado em 2006, pelo jornalista Vitor Ângelo ou Ângelo Vip e o pesquisador informal Fred Libi, um dicionário com o título de “Aurélia, A Dicionária da Língua Afiada” no qual, segundo os autores, faz uma alusão ao popularmente denominado Dicionário Aurélio, trabalho iniciado originalmente pelo lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda.

Araújo (2018) enfatiza que o dicionário “Aurélia” teve início com base no conteúdo escrito por Vitor Ângelo no extinto “Blogay”, um blog destinado ao grupo LGBTQ+ no site Universo Online (Uol) cujos verbetes já haviam sido classificados com a colaboração dos leitores do blog em questão. O livro foi realizado mediante pesquisas feitas no decorrer de dez anos a partir de entrevistas e conversas, com o objetivo de colecionar verbetes e expressões utilizados pelo público LGBT nas diversas regiões do Brasil. Assim, a “Aurélia” contém 1.300 verbetes, descreve os significados das expressões e são apresentados em ordem alfabética. Além de possuir uma linguagem muitas vezes pejorativa intencionalmente, para mostrar que o livro não tem o objetivo de ser politicamente correto. Sobre isso, os autores pontuam no livro:

Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura. (VIP; LIBI, 2006, p. 1)

Além disso, Vip e Libi (2006, p. 5) destacam que a função do dicionário é basicamente “a de levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e agrupar num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA!” (grifo dos autores). Os verbetes utilizados na composição do dicionário contam ainda com as explicações referentes à região e estado do uso de cada expressão e também o país de origem de algumas palavras, por exemplo, verbetes oriundos do inglês, do francês e até mesmo retirados do português de Portugal. A seguir, apresentam-se alguns itens lexicais a título de exemplificação do dicionário Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada.

Quadro 01 – itens lexicais de Aurélia - A Dicionária da Língua Afiada (2006)

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
Amapô	Mulher	Viado olha aquela amapô!
Cafuçu	Indivíduo grosseiro, selvagem, roceiro, peão	—
Caminhoneira	Mulher homossexual masculinizada	Lá vem aquela sua amiga caminhoneira
Erê	Criança, jovem	—

Fonte: Livro Aurélia - A Dicionária da Língua Afiada, 2006

Araújo (2018) destaca também que em 1996 foi publicado pelo autor Orocil Santos Júnior, o livro intitulado *Bichonário – Um Dicionário Gay*. O livro em questão foi resultado do trabalho de monografia do autor, do curso de Comunicação Social, no qual era abordada a forma de falar da comunidade homossexual de Salvador. Esta temática apesar de pouco conhecida para a época, uma vez que o preconceito voltado para homossexuais é presente desde os primórdios, foi um trabalho importante para o autor do livro.

Santos Júnior (1996, p. 5) declara que “aqui está o *Bichonário*. Pena que dentro da riqueza linguística que ofereceram os falantes do gueto gay não estejam transcritos aqui o gestual, a entonação e a emoção que permeiam esse clandestino dizer [...]”. Isso porque, a construção desse trabalho se deu basicamente por pesquisas feitas em ambientes gays de Salvador, sob o propósito principal de transcrever as palavras recorrentes utilizadas no próprio grupo gay.

O autor expressa que o livro é organizado a partir do fato que o “*Bichonário*” possui apenas um total de 636 verbetes, acompanhados de seus significados, além de contar com algumas ilustrações que “[...] retratam erotismo e sensualidade na arte dos longos tempos.” (SANTOS JÚNIOR, 1996, p. 5). Esse livro, de acordo com Araújo (2018), assim como a “Aurélia” possui as palavras descritas em ordem alfabética. Porém, em cada parte do dicionário, o autor expressa com uma imagem e uma frase para ilustrar cada seção do livro. Em seguida, apresentam-se alguns itens lexicais referentes ao dicionário *Bichonário: Um Dicionário Gay*.

Quadro 02 – itens lexicais do *Bichonário: Um Dicionário Gay* (1996)

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
---------------------	-------------	-------------------------

Fecharção	Trejeito gay escandaloso; arraso	A noite baiana está a maior fecharção
Odara	Bom; grande; bonito	Deixa eu pegar, pra ver se sua mala é odara
Otim/Oti	Bebida.	—
Quizila	Azar; problema	—

Fonte: Livro Bichonário – Um Dicionário Gay, 1996

Por fim, Araújo (2018, p. 56), destaca que o “Bichonário as imagens também são narrativas, memórias, análises”. Portanto, todas as imagens presentes no livro dialogam diretamente com a proposta de sensualidade e erotismo apresentada pelo autor. No seguinte capítulo, serão abordados tópicos explicativos sobre linguagem e significação relevantes para este trabalho, tais como: léxico e sinonímia.

CAPÍTULO 3 – LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO

O presente capítulo refere-se à base teórica ligada a Semântica, um ramo da linguística que, segundo Cançado (2008), é responsável por investigar as palavras e os significados das sentenças. Seguindo a linha deste trabalho, apresenta-se primeiramente sobre a importância do léxico e a significação existente a partir de variados contextos. Ademais, o enfoque principal é voltado para a sinonímia que tem função de apresentar palavras sinônimas que possam ser substituídas numa frase sem que o significado mude.

3.1 LÉXICO

Para fundamentar a conceituação do léxico, Biderman (1996) aponta que um grupo de unidades lexicais de uma língua pode ser caracterizado como léxico. Além de ser um vocabulário que tem função discursiva para essas unidades como uma sequência significativa que se denomina palavra ou ainda vocábulo. Assim, na medida em que os falantes de uma língua atribuem nomes a tudo que existe no mundo ao seu redor, é comum que a sociedade acabe “estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas” (BIDERMAN, 2006, p.1). Por essa razão, o processo de nomear vem a partir da

categorização, ou seja, o sistema que o ser humano utiliza para atribuir ou diferenciar determinadas características.

Conforme Biderman (1996), o vocabulário desempenha um papel de suma importância, uma vez que tem a finalidade da comunicação linguística, pois as informações transmitidas através de diálogos comunicativos são possíveis por intermédio do léxico. Sendo assim, o léxico funciona basicamente como um armazenamento de significação e objeto significativo da linguagem humana. Em outras palavras, o léxico se manifesta através da língua em uso e com isso apresenta as experiências humanas e seus traços fundamentais, evidenciando os comportamentos sociais e culturais de um grupo.

Já para Ullmann (1964), as palavras possuem uma função relevante do ponto de vista estrutural da língua. Para a verificação desses aspectos, é necessária a utilização de um ramo da linguística chamada lexicologia, cuja perspectiva foi adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Isso porque a lexicologia não tratará somente das palavras em si, mas também dos morfemas existentes em sua composição, ou seja, o estudo do léxico através de suas unidades lexicais significativas.

A partir do momento que a palavra se transforma em conformidade com o significado, Ullmann (1964) caracteriza que o contexto do que se é dito tem papel importante, uma vez que uma palavra não tem função para existir se não existir um contexto. O autor defende ainda que as palavras, mesmo em contextos específicos, subsistem por si só, sem qualquer suporte contextual, e continua fazendo sentido.

Então, Ullmann (1964) aponta ainda que cada palavra possui um significado, mas isso não é completamente estável, em razão de que um sentido de determinada palavra pode sofrer alterações a partir do contexto em que é utilizada, ou seja, se as palavras existissem independentes de um contexto a língua não seria mutável e não faria parte do processo evolutivo com o passar do tempo.

Além disso, o pensamento de Couto (2009, p.129) sobre o léxico é que “os itens lexicais não estão armazenados em um único ponto. Como o cérebro é uma complexa rede de conexões entre neurônios, os conceitos associados a cada um desses itens é apenas um ponto”. Posto isso, é relevante destacar que a partir do momento que um indivíduo entra em contato com o meio social, esse fenômeno se torna perceptível na medida em que a convivência esteja acontecendo.

Couto (2009) ressalta ainda que toda e qualquer palavra da língua provavelmente faz parte da reflexão da forma que as pessoas enxergam o meio

ambiente no qual estão inseridos. Couto (2009, p.36) assegura que “o ecossistema mental da língua é um elo entre o natural e o social. Em princípio, toda relação entre os dois últimos é mediada pelo primeiro”. Isto é, direta ou indiretamente o meio ambiente se reflete no léxico, ou seja, esse panorama dá nome a ideias, características físicas, psicológicas e até mesmo sociais dentro desse meio ambiente. Por outro lado, alguns itens referentes ao âmbito social, psicológico e físico só recebem atribuições ou nome quando o interesse da comunidade na qual um povo está inserido se mostrar interessado nesse aspecto.

Seguindo o contexto desse trabalho, dentro da estrutura dos estudos lexicológicos existe uma disciplina chamada etimologia na qual, segundo Ullmann (1964), é tradicionalmente um dos ramos mais antigos inseridos na linguística, uma vez que a etimologia, simplificando a conceituação, é basicamente o estudo que tem o objetivo de compreender a origem das palavras. Essa concepção ao longo do tempo se torna mais ampla no sentido que não se limita somente a origem, mas busca a contextualização histórica em seus mais ricos detalhes. Ademais, a etimologia não leva em consideração uma palavra ou vocábulo de forma isolada, dado que as palavras possuem grupos amplos. Sobre isso, Ullmann (1964) expressa que:

A etimologia já não deve contentar-se com o traço insípido que une o ponto de partida ao ponto de chegada... Deve, pelo contrário, pintar-nos o vasto fresco das vicissitudes que a palavra atravessou... A busca da raiz de uma palavra ou de um grupo de palavras já não é hoje a tarefa única da etimologia. Ela deve seguir o grupo considerado durante todo o tempo em que este pertence a uma língua, em todas as suas ramificações [...] (ULLMANN, 1964, p. 66).

Portanto, fundamentado nessas reflexões, o léxico é um fenômeno responsável pelo processo de nomeação relacionado às línguas. Porém, esses mecanismos são particularmente direcionados ao sistema cultural de um determinado grupo social e em como esse grupo propõe as suas próprias configurações do léxico em questão. A partir dessa perspectiva, compreende-se que os estudos referentes à significação de um vocabulário, bem como aos processos de nomeação são de suma importância para a compreensão do léxico, objeto desta pesquisa, o Pajubá. Dessa forma, o léxico estabelece relação direta entre a língua, a sociedade e a cultura.

3.2 SINONÍMIA

Este trabalho tem como linha de pesquisa a Semântica, um ramo da linguística responsável por investigar as palavras e os significados das sentenças. De acordo com Cançado (2008), a linguística busca descrever elementos que um falante tem da língua, já a semântica permite que o falante saiba diferenciar os significados de sentenças. Então, é relevante abordar que a semântica parte dos aspectos de interpretação, isto é, a semântica trabalha conjuntamente com o mecanismo interpretativo de expressões linguísticas proferidas.

Cançado (2008) ressalta que, apesar da sinonímia ser complexa e despertar muitos estudiosos ao longo do tempo compreendem-se a sinonímia como uma propriedade relacionada à identidade dos significados. Por isso, não se pode pensar em sinônimos fora de um contexto. Entretanto, pode se dizer também que, em alguns casos, a sinonímia pode ser baseada no significado de uma palavra, sem levar em consideração outros aspectos como estilo e até mesmo associações sociais e registras. Segundo a autora, para que ocorra o processo de sinonímia:

Um primeiro ponto é que ter somente a mesma referência não é uma condição suficiente para que haja sinonímia. Além de terem a mesma referência, é necessário, também, que as expressões tenham o mesmo sentido. Mas o que significa ter o mesmo sentido? Assume-se que saber o sentido de uma sentença é ser capaz, em determinadas circunstâncias, de dizer se ela é verdadeira ou falsa. Duas sentenças que têm o mesmo sentido, quando se referem ao mesmo conjunto de fatos no mundo, têm de ser ambas verdadeiras, ou ambas falsas. (CANÇADO, 2008, p. 41)

Essa ideia incorpora-se com a de Guiraud (1986) de que a semântica é importante para os significados, visto que as palavras são basicamente criadas pelo homem ao longo do tempo e das mudanças pelas quais a língua passou no sentido cognitivo e expressivo. Essa visão existe em três diferentes ramos: a linguística, a lógica e a psicologia.

A principal propriedade da semântica utilizada para embasar esta pesquisa é a sinonímia, apresentada sempre que palavras sinônimas possam ser substituídas numa frase sem que o significado mude. De acordo com Borba (2005)

Primeiramente é preciso admitir que não há necessidade imperiosa de equivalência em todos os contextos; bastam certos contextos (idênticos ou não, mesmo porque, por uma questão de economia, a língua a eliminar os itens perfeitamente idênticos em todas as situações de uso. (BORBA, 2005, p. 238)

Borba (2005) afirma que dois termos são denominados sinônimos quando possuem valores mais aproximados ou semelhantes. Sendo assim, são caracterizadas sinônimas as expressões que uma vez substituídas uma pela outra não modificam a equivalência significativa. Por esta razão, a sinonímia é uma questão em que seu uso é analisado mediante o contexto, de modo que a diferenciação de signos se dá psicologicamente. Esse fenômeno acontece pelo fato das convenções sociais de um determinado grupo social, como as partes do corpo, hábitos, cultura e crenças, implicarem diretamente na construção de palavras equivalentes. Pode-se dizer que esse processo de equivalência faz parte da construção das variedades linguísticas.

A sinonímia vem sendo aprofundada por diversos estudiosos ao longo de séculos. Ilari e Geraldi (2004) caracterizam a sinonímia como uma espécie de identidade de significação, mas algumas considerações sobre essa afirmação são importantes para se abordar, como por exemplo, para que duas palavras sejam sinônimas não é suficiente somente mesma extensão. Desse modo, para que palavras se tornem sinônimas não bastam se referir ao mesmo grupo de objetos, como pessoas, animais, coisas. Para que sejam sinônimas, as palavras devem fazer parte da mesma atribuição de sentido, ou seja, duas palavras podem ser inseridas dentro de uma frase sem que a frase se transforme de falsa para verdadeira ou verdadeira para falsa.

Borba (2005) caracteriza ainda a sinonímia como sendo instrumento de coexistência de seus significados entre as unidades lexicais e aproximação do processo de conceituação, uma vez que os sinônimos têm a função também de tornar mais leve o contexto de uso de algumas palavras, como é o caso das unidades lexicais *morrer e falecer*.

Além disso, podemos dizer que muitos estudiosos da área da semântica buscam estabelecer a diferença entre os signos de sentido concordante. Nesse caso, Borba (2005, p. 239) aponta que “a sinonímia é uma questão de uso e, portanto, de contexto, convém saber que é uma atitude psicológica a diferenciação dos signos e a “crença” na impossibilidade de sinônimos, pois sentimos a língua como diferenciativa”. A partir dessa perspectiva, pode-se considerar a sinonímia como uma questão amplamente contextual.

Concordando com essas concepções, Cançado (2008) ressalta que, para a ocorrência da sinonímia, não basta que as palavras possuam somente a mesma referência, é necessário também que as palavras tenham o mesmo sentido. A afirmação da autora vai ao encontro do pensamento de Ilari e Geraldi (2004, p. 20)

quando afirmam que as palavras assumem o mesmo sentido quando é possível dizer se a expressão na qual as palavras estão inseridas é verdadeira ou falsa.

Para concordar com Borba (2005), Ilari e Geraldi (2004) e Cançado (2008), Guiraud (1986) foca na relação de sentido entre as palavras às quais são abordadas mediante seu sistema linguístico. Desse modo, segundo o autor “o sentido, ou antes, os sentidos de cada palavra, são definições feitas pelo conjunto dessas relações, e não por uma imagem da qual ele seria o portador” (GUIRAUD, 1986, p. 26). Por essa razão, a relação de sentido é diretamente ligada ao contexto.

Enfim, a sinonímia é dependente dos contextos. Em contrapartida, levando em consideração o fato das palavras não possuírem sempre a mesma contextualização, os sinônimos aparecem na medida em que tenha sentido em seu uso. No próximo capítulo, trataremos da metodologia utilizada para a construção deste trabalho.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Neste capítulo, serão detalhados os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa com a função de identificar o processo de ressignificação do vocabulário do Pajubá, popularmente utilizada pela comunidade LGBTQ+. Para a execução deste trabalho, o método de pesquisa utilizado é o qualitativo, por ser adequado para interpretar perspectivas relacionadas ao objeto de estudo, conforme as concepções de Gerhardt e Silveira (2009). Para que percepções sejam descritas com precisão e capaz de buscar informações mais verídicas possíveis, os autores caracterizam a pesquisa qualitativa da seguinte maneira:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32)

A pesquisa foi desenvolvida a partir de fontes bibliográficas, mais precisamente os livros Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada e Bichonário – Um dicionário gay, dicionários criados com o objetivo de tornar público os significados às expressões popularmente conhecidas como Pajubá. A pesquisa também foi desenvolvida por meio de documentos encontrados em ambiente virtual.

Utilizou-se de fontes bibliográficas, mais precisamente os livros Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada e Bichonário – Um dicionário gay, dicionários criados com o objetivo de dar significados às expressões popularmente conhecidas como Pajubá.

Assim, a metodologia utilizada para este trabalho apresenta caráter descritivo e exploratório, em razão de descrever e analisar com base no esclarecimento das palavras utilizadas como sinônimos encontrados no vocabulário majoritariamente utilizado pela comunidade LGBTQ+. Além disso, é exploratória, pois a partir dos objetivos definidos, proporciona a busca por informações mais precisas, mediante palavras retiradas da fala do grupo social em questão.

Dessa forma, os dados para a pesquisa foram coletados de maneira colaborativa com quatro participantes que residem na cidade de Palmas Tocantins, com faixa etária que varia entre 20 e 29 anos e com profissões e escolaridades diversificadas. Os participantes da pesquisa se identificam como pertencentes a comunidade LGBTQ+, sendo homem gay, mulher lésbica, homem transexual e mulher transexual. Por uma questão de ética, os nomes dos entrevistados serão omitidos. Para melhor interpretação das entrevistas, os participantes serão identificados como Entrevistado 1, Entrevistada 2, Entrevistado 3 e Entrevistada 4. Em cada quadro de palavras, os participantes serão identificados por meio do gênero pelo qual se autoidentificam.

Os colaboradores responderam um questionário semiestruturado que contém seis perguntas para serem respondidas de forma oral, utilizando o recurso de áudio mediante ambiente virtual Whatsapp. Foram respondidas de forma detalhada pelos quatro entrevistados, as seguintes perguntas:

1. Você conhece a origem do Pajubá? O que você sabe sobre?
2. Você vê outros grupos utilizando o Pajubá além do LGBTQ? Se sim, você se incomoda?
3. Quais palavras você mais utiliza no seu cotidiano? E o significado dessas palavras?
4. Quais outras palavras do Pajubá você conhece? E o significado?
5. Você acha que as pessoas sofrem preconceito ao utilizarem esse vocabulário?
6. Em sua opinião o Pajubá atrapalha ou ajuda na comunicação?

A aplicação da entrevista aconteceu somente de forma online, de 4 a 18 de novembro de 2019. Os entrevistados foram escolhidos conforme a autoidentificação de

gênero e seu pertencimento a comunidade LGBTQ+. As perguntas elaboradas foram todas levadas em consideração, mas houve uma preferência em utilizar para este trabalho a questão relacionada às palavras do vocabulário do Pajubá frequentemente utilizadas no cotidiano de cada entrevistado. No próximo capítulo, serão apresentadas a análise e a discussão dos dados.

CAPÍTULO 5 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises referentes aos itens lexicais utilizados com frequência na interação social dos participantes da pesquisa no meio LGBTQ+. As palavras foram coletadas por meio de entrevistas, as quais os participantes verbalizaram as palavras mais utilizadas em seu cotidiano e a contextualização de uso foi retirada dos dicionários citados anteriormente, como Aurélia a Dicionária da Língua Afiada e Bichonário – Um Dicionário Gay. Além disso, cada quadro representa as palavras utilizadas pelos entrevistados.

Quadro 03 – vocabulário do Entrevistado 1

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
Aquendar	(do bajubá) 1 chamar para prestar atenção; 2 fazer alguma função, 3. Pegar, roubar.	“A Douglas aquendou o boy horrores na festa da Pri!”
Caminhoneira	(pejorativo) lésbica com gestual muito masculinizado	“A Marcela é caminhoneira”
Dar a Elza	(do bajubá) roubar	“Deu a elza no meu grampeador”
Panqueca	bicha passiva	“Você é panqueca, do jeito que cai na cama fica”
Picumã	(do bajubá) peruca, cabeleira; cabelo	“Arrasou nesse picumã”

Fonte: Elaborada com base nos autores Vip, Lib (2006) e Santos Júnior (1996)

O termo *aquendar* tem variados significados, por exemplo, no Bichonário a significação para essa palavra é somente *pegar* e *entrar*. Em contrapartida, Aurélia atribui mais significados além desses, pode-se citar acepções como *chamar atenção* e *desempenhar alguma função*. Com isso, a palavra *aquendar* pode se tornar um

sinônimo diretamente a partir do contexto do que se quer dizer. No livro *Bichonário*, a contextualização de uso é encontrada na seguinte frase: *Não perca a oportunidade, mona, aqüende logo o ocó*. Dentro do contexto da frase, substituindo e desempenhando o mesmo sentido da palavra *pegar*.

Então, estamos com Couto (2009) quando afirma que os itens lexicais não estão armazenados em um único ponto. Neste sentido, o falante está expressando a possível perda de oportunidade de um relacionamento com um homem (ocó = homem). Expressa, assim, preocupação com a ouvinte (mona), sua interlocutora. Mona pode ser ainda um homem afeminado, ou gay. Apesar de Santos Júnior (1996) afirmar que é lamentável não se poder apreciar o gestual, a entonação e a emoção que acompanha o discurso (o dizer) do gueto *gay* ao analisarmos o vocabulário escrito, pode-se inferir que a frase entoada pelo Entrevistado¹ foi acompanhada da emoção e recebeu a entonação correspondente a esta emoção.

O item lexical *caminhoneira* é um termo moderno, atual, e tem sua origem derivada dos condutores de grandes caminhões e carretas que atravessam o Brasil. Em geral, nota-se que um caminhoneiro tem pouca interação social, apresentando o estereótipo de aspecto rude, grosseiro, talvez, derivado das longas jornadas em solidão. Uma vez que o significado desse item remete a profissão que geralmente é dominada por homens, a mulher lésbica é chamada de *caminhoneira* quando esta adota características marcadamente masculinas. Por semelhança, o processo semântico para designar mulher gay – lésbica atuou, até para pontuar de forma pejorativa uma tentativa da mulher gay marcar presença no seu grupo social, e mesmo na rotina do convívio social amplo.

Ainda que *caminhoneira* seja uma palavra para designar a mulher lésbica, dependendo do contexto, o sentido é mutável. Neste sentido, é importante destacar sobre os contextos para que uma palavra seja sinônima de outra. Assim, por meio do contexto da palavra em questão é que se torna possível compreender o sentido real ou não da sentença (ILARI; GERALDI, 2004).

O termo *Dar a Elza* tem um único sentido: roubar. A frase enunciada pelo Entrevistado¹ - “Deu a elza no meu grampeador” -, é apenas uma variação da ideia de passar a perna em alguém. Porém, a origem semântica dessa expressão se perdeu no tempo e no espaço. Nossa pesquisa não encontrou referências da origem dessa expressão, uma vez que há diferentes versões. Uma delas, segundo Thiago Maroca, criador do Blog do Maroca, refere-se a uma senhora do baixo meretrício em Salvador,

dona de um boteco “pé-sujo”, que teria adotado um órfão, menino ainda, que gostava de vestir-se de menina. Tal senhora era diligente na atenção ao menino, de modo que “dar a Elza” passou a significar afastar a Dona Elza de seu rebento, ou seja, enganar a dona Elza. O processo semântico da semelhança ampliou a expressão para todas as tentativas de afastar um dono de seu objeto. Há uma segunda versão não comprovada de que a expressão dar a Elza se referia à cantora Elza Soares, pois havia histórias nas quais uma hipótese é que Elza roubou o jogador Garrincha de sua família já constituída e assim recebendo significado relacionado ao furto de algo ou alguém.

A palavra *panqueca*, referindo-se a uma pessoa mole, um peso social, um fraco, um banana, teve seu significado “Você é panqueca, do jeito que cai na cama fica” expressado pelo Entrevistado1 com forte conotação sexual. O tom e a emoção necessária à plena compreensão da fala devem acompanhar o desapareço da pessoa para que o ouvinte bem compreenda a intenção na transmissão da ideia da pessoa que, no sexo, aprecia o desempenho “quente” do parceiro, já que adota comportamento “mole” ou “frio” na cama com o parceiro. O processo semântico da sinonímia está presentes pelas conhecidas qualidades da saborosa panqueca feita simplesmente com ovos, leite e farinha, frita em pouco óleo. Nesse sentido, a frase citada pelo Entrevistado1, atribui ao termo *panqueca* uma significação diferente baseado inteiramente no contexto, como afirma Ilari e Geraldi (2004).

Guiraud (1986) ressalta que um aspecto que chama bastante atenção é o indicador que conduz a comunicação por um sujeito falante, ouvinte e a ideia que o falante deseja transmitir, todo esse conjunto é estruturado por meio de signos linguísticos. Esse sistema linguístico determina o sentido das palavras dentro de um discurso através do agrupamento de relações, ou seja, as palavras são empregadas a partir da existência ou inexistência de termos que relacionam o sentido, como por exemplo, o item lexical *picumã*, o qual segundo Netto Júnior (2018) possui origem do tupi guarani, traduzida como sendo a fuligem que se forma mediante contato direto de algo com o fogo e foi trazido para o Pajubá significando cabelo/peruca.

Ainda no processo histórico de construção dos significados dos termos neste seguimento, Netto Júnior (2018) adotou o processo semântico desencadeado pela semelhança entre a fuligem depositada sobre a pele dos negros e o seu cabelo crespo, com corte baixo, ostentado pelos negros do gênero masculino. Atualmente, não podemos acompanhar a ocorrência do processo semântico da semelhança, pois o momento histórico da escravidão e das carvoarias passou.

Desse modo, o vocabulário do Pajubá, ainda que possua algumas palavras do português usadas com sentidos modificados e são utilizados como substitutas dentro das frases pronunciadas pelos falantes. A maioria das expressões em questão foi originada das religiões africanas, como por exemplo, o candomblé e foram se popularizando naturalmente também nas grandes cidades e parte dos vocábulos já são recorrentes na língua portuguesa do Brasil e sendo assim cada palavra destacada no quadro tem usos linguísticos e dialetais pelos falantes dessa linguagem.

Quadro 04 – vocabulário do Entrevistada 2

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
Aqué	(do bajubá) dinheiro	“Menina, o aqué tá pouco” “O aqué tá acabando”
Babado	1 acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; 2 basfond; 3 caso amoroso e/ou sexual	“Nossa! Tenho que te contar um babado” “O babado é sério”
Equê	o mesmo que truque;engano; coisa falsa	“Deixa de equê, bicha”
Racha	1 vulva; vagina; 2 (pejorativo) mulher	“Esperando aquela racha”
Uó	(do bajubá) algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado	“Aquele homem é uó”

Fonte: Elaborada com base nos autores Vip, Lib (2006) e Santos Júnior (1996)

O item lexical *Aqué* significa “dinheiro”. Outra grafia possível é *Acué*. Ora, o termo “dinheiro” por si mesmo aceita diferentes grafias tais como grana ou pila ou mango. Estudando os processos semânticos que são amplos, Borba (2005, p. 225) destaca que “a significação ou sentido como possibilidade de interpretação, facilmente se perceberá que toda atividade social é produtora de significações uma vez que a todo o momento estamos sendo chamados a interpretar”. A Entrevistada 2 apresentou as situações de uso durante a entrevista nas seguintes frases, “Menina, o aqué tá pouco” “O aqué tá acabando” a sinonímia é completa. Mantenha a frase e troque um pelo outro e a frase continua com mesmo significado.

O item lexical *babado*, segundo Netto Júnior (2018), vem da palavra derivada do iorubá *báfohùn*, na qual podemos identificar como sendo *bafo* ou *babado*, ambas se

consolidaram como equivalentes ao significado de fofoca e propagou-se em diferentes grupos sociais, independente da orientação sexual. Ainda, na maioria dos casos, esse item lexical é empregado dentro de um contexto, ou seja, é usada em situações informais, entre pessoas do mesmo convívio. A palavra babado pode ainda ser usada como um determinado desentendimento, mas também pode significar algo positivo. Além disso, a palavra “fofoca” pode ser utilizada para expressar-se de forma negativa levando em consideração o seu significado, como mostra o dicionário Michaelis (1998): “comentário desairoso ou maldoso sobre a vida de outrem; bisbilhotice, dito, mexerico”.

Equê (ou *ekê* ou, ainda, *Ekê*) é o item lexical que vem do iorubá pelas gírias do candomblé ou da umbanda e quer dizer mentira ou fingimento. Originalmente, significava que a pessoa na gira de umbanda ou candomblé ou variantes, estava fingindo uma incorporação ou mediunidade. Assim, foi incorporado ao vocabulário da comunidade gay pelo processo semântico da sinonímia. Ainda continua significando uma mentira, mas mais pessoal e tendo como referência a própria pessoa, uma referência aos atos e ações pessoais para enganar seu interlocutor. O falante deve expressar uma frase do tipo “deixa de equê, bicha”, quando seu ouvinte é uma bicha - um homem transgênero/transsexual -, e está fingindo alguma emoção. Também é parte importante da enunciação da frase tanto o tom - exasperado -, quanto o gestual, de impaciência.

Racha tem como intuito identificar as mulheres por meio da sua genitália, uma vez que, de acordo com o Bichonário, esta palavra pode ser usada como sinônimo para *vagina*. *Racha* é um daqueles termos que se agrupam por proximidade semântica, mas que são insubstituíveis, de acordo com Borba (2005). Porém, a palavra *racha*, a partir de uma análise nos itens lexicais encontrados nos dicionários utilizados neste trabalho, encontramos as palavras que fazem alusão ao item lésbica sempre remetendo a mulher masculinizada, como por exemplo, mulher-macho, caminhoneira, fancha, entre outros.

Durante a entrevista, a Entrevistada 2 expõe que a sua mãe, a partir do momento que convive com a temática LGBTQ+ acaba aprendendo e, conseqüentemente, utilizando o vocabulário do Pajubá em seu cotidiano, como por exemplo, a palavra *uó*, que significa algo desagradável. Na fala da Entrevistada 2, é possível ainda destacar a contextualização dessa palavra em uma frase: “Aquele homem é uó! ”.

Nesse caso, *uó* designa um homem altamente desagradável pelos seus vários defeitos: algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado. Aqui encontramos quase a perfeição, a sinonímia como processo semântico devido ao fato de que, em todos os significados possíveis para *uó*, acarretam tons desagradáveis para a adjetivação do tal homem da frase citada como exemplo.

Assim, o processo da sinonímia constituído através das ideias expressadas por contextos analisados em diferentes ângulos foi à base dos estudos de Ilari e Geraldi (2004), uma vez que as interações sociais modificam a sociedade gerando a estratificação de grupos baseado em culturas, étnicas, crenças religiosas, etc. Por essa razão, a sinonímia se torna um processo de aproximação da língua com o que nos sensibiliza e cria situações de comunicação comuns no cotidiano, fazendo parte dos ritos sociais de um determinado grupo social, como no caso da comunidade LGBTQ+.

Quadro 05 – vocabulário do Entrevistado 3

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
Bajé	(do bajubá) sangue	“A briga foi feia, teve até bajé”
Bilú	Homossexual metido a rico	“Deixa de ser bilú”
Cacura	Idoso ou que já passou da idade para fazer algo	“Seu amigo é uma cacura já”
Concha	Homem homossexual mais velho	“A concha tá chegando”
Erê	(do bajubá) 1 bofinho adolescente; 2 criança, jovem	“Essa balada só tem erê”

Fonte: Elaborada com base nos autores Vip, Lib (2006) e Santos Júnior (1996)

O item lexical *bajé* de acordo com o Entrevistado 3, faz referência ao sangue derramado durante uma briga. Neste sentido, esta palavra poder ser utilizada como sinônimo da palavra sangue, uma vez que sobre esse processo, a sinonímia perfeita não existe e como nos ensina Cançado (2008, p. 44) ” se procurarmos duas sentenças idênticas em termos de estrutura sintática, de entonação, de sugestões, de possibilidades metafóricas e até mesmo de estruturas fonéticas e fonológicas”. Dessa maneira, é importante destacar que a palavra *bajé* no vocabulário do Pajubá significa

sangue, e por isso existe a possibilidade de em determinado contexto se tornar equivalente a menstruação, como por exemplo, de acordo com o livro “Aurélia”, contextualizado na expressão “*amapoa de bajé*”, que equivale a mulher menstruada.

A palavra *bilú* é um termo do Pajubá que significa uma pessoa homossexual que se acha rica e conseqüentemente têm atitudes esnobes. Porém, não se sabe o termo original, pois existem diversos significados para a palavra em questão, como por exemplo, se referir ao órgão sexual masculino ou uma forma de caracterizar uma pessoa mimada pelos pais, podendo fazer parte desse último significado o conceito de *bilú* no vocabulário do Pajubá.

De qualquer forma, a expressão consagrada no português é *Bilú Tetéia*, uma forma doce e delicada de tocar no bebê e chamar sua atenção, fazendo carinho nos dedinhos ou no queixo. A frase “deixa de ser *bilú*” é enunciada pelo falante quando este espera uma atitude menos afetada de seu ouvinte. O processo semântico da sinonímia aparece pela delicadeza da entonação do falante, sem aspereza ou agressividade ao ouvinte.

O termo *cacura*, de acordo com Aurélia é uma forma abreviada da palavra *cacurucaia* que de acordo com o livro significa pessoa idosa, que já passou da idade para fazer algo. Já o livro Bichonário conta com outras palavras que fazem referência ao mesmo significado *cacurucaia*, mas não contém a palavra *cacura*. Posto isso, é importante sempre deixar claro que a sinonímia é dependente de contextos e Ilari e Geraldi (2004, p. 43) ressaltam que duas expressões são sinônimas quando fazem alusão a uma mesma propriedade. Ainda na fala do Entrevistado 3, em seu cotidiano é comum fazer uso também do item lexical *concha*, que segundo conta, também é utilizado para se referir a um homem homossexual idoso.

A palavra *erê* é um dos itens lexicais frequentemente utilizados pelo Entrevistado 3. Assim, segundo Netto Júnior (2018), a palavra oriunda do Iorubá foi encontrada com a escrita diferente, por exemplo, a palavra encontrada foi *eré* que corresponde ao significado de brincar, fazer uma boa ação.

Em contrapartida, o significado de *erê* para o Candomblé “é um ser espiritual infantil particular de cada iaô (filho de santo) que costuma nela encarnar após os transe de incorporação do orixá de que ela faz de sacerdotisa”. (NETTO JÚNIOR, 2018, p. 9). Isto é, nas religiões de matriz africana o termo *erê* é associado com uma pessoa e seu orixá. Porém, como no Candomblé essa palavra remete a uma figura

espiritual infantil e no Iorubá remete a “brincar”, pode se destacar o porquê desta palavra significar jovem, criança ou menino jovem, no vocabulário do Pajubá.

Por esta razão, as palavras sofreram alteração de sentido, mas em determinado contexto possuem significados interligados, por exemplo, o processo semântico de sinonímia acontece quando os usuários do vocabulário do Pajubá substituem o item *criança* pelo item *erê*. Nesse sentido, estamos de acordo Netto Júnior (2018) quando afirma que os vários itens lexicais que compõem o vocabulário do Pajubá, quando verbalizados fora do grupo LGBTQ+ ou pessoas ligadas ao Candomblé pode causar certo estranhamento e até mesmo dúvidas sobre os significados, ou seja, compreende-se o Pajubá como um código secreto utilizado e entendido por um nicho seleto de pessoas.

Assim sendo, a palavra *erê* passa por um processo de mudança de significados mediante o contexto em que é colocada cada palavra em sua determinada como, por exemplo, *erê*, do Iorubá “brincar”, já para o Candomblé, *erê* assume o sentido de um ser espiritual que, quando encarnado, morreu ainda criança e adota a personalidade de criança quando volta a encarnar num médium, numa gira da umbanda ou do candomblé. Este termo quando utilizado no léxico do Pajubá, recebe o significado de menino jovem e criança, fazendo uma alusão à entidade espiritual *erê*.

Quadro 06 – vocabulário da Entrevistada 4

Palavras/Expressões	Significado	Contextualização do uso
Bicha	homossexual masculino; gay; homem efeminado	“Bicha, para com isso”
Cafuçu	1 diz-se de quem tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, classe social ou país de origem; 2 diabo; demônio; 3 roceiro asselvajado; peão; 4 indivíduo grosseiro; inábil	“Eu gosto é de um belo cafuçu”
Fazer à egípcia	Virar o olho de tédio ou quando discorda com o alguém	“Fez umas perguntas, mas eu fiz à egípcia”
Gongar	Ato de zombar de algo ou alguém	“Tá me gongando?”
Neca	(do bajubá) pênis	“A neca do boy era enorme”

Fonte: Elaborada com base nos autores Vip, Lib (2006) e Santos Júnior (1996)

Nesse quadro, apresentamos alguns itens lexicais do Pajubá mais utilizados no cotidiano da Entrevistada 3. Podemos destacar que a sociedade tende a passar por mudanças ao longo do tempo, sejam elas políticas, socioculturais. Por esta razão, essas modificações modificam algumas palavras, que por sua vez passam por transformações também, como por exemplo, o termo *bicha*, utilizada como forma pejorativa e ofensiva, se tornou popular com o objetivo de pessoas de grupos sociais diversos ofenderem homens homossexuais considerados afeminados.

Segundo o Bichonário, a palavra *bicha* significa gay afeminado, mas com o passar do tempo essa palavra tem ganhado sentido positivo e é usada como forma de se referir a um homem gay durante uma conversa, apesar de ainda ter o mesmo significado de homossexual afeminado.

Conforme o dicionário Michaelis (1998), a palavra *cafuçu* tem sua etimologia derivada da palavra *cafuzu*, que em tupi recebe o significado de *morador do mato* ou *indivíduo bronco, trabalhador braçal, grosseiro, que trabalha em condições precárias; indivíduo que vive isolado, afastado do convívio social*. Dessa forma, o item lexical *cafuçu*, na concepção da Entrevistada 3, ao fazer parte do vocabulário do Pajubá recebeu a adaptação significativa para se referir a um homem rústico, simples, que não se veste muito bem.

A expressão “fazer a egípcia” faz parte do vocabulário do Pajubá com o significado de ignorar alguém, fazer de conta que não viu uma pessoa na rua ou até mesmo se fazer de desentendido em determinada situação. A expressão se tornou popular, ultrapassando o público do meio LGBTQ+, e ganhou o significado através das artes e esculturas egípcias da antiguidade que geralmente retrata pessoas com ares de superioridade no rosto, inclusive muitas artes egípcias também são apresentadas de forma enigmática. Por essa razão, concordamos com Ilari e Geraldi (2004) no sentido de que a sinonímia depende exclusivamente do contexto no qual as palavras são empregadas, isto é, a significação dessa expressão “fazer a egípcia” se constitui por intermédio do contexto de uso, como no caso do Pajubá, se refere agir de forma enigmática, ignorar, revirar os olhos de tédio de alguma situação.

O termo “gongar” incorporado no grupo LGBTQ+ tem o significado de falar mal de alguém pelas costas ou zombar de algo ou de alguém. O dicionário Michaelis (1998) apresenta o significado de *gongar* como “excluir alguém de classificação ou competição, com um soar de gongo ou com qualquer outro artifício que tenha a mesma

finalidade”. Concordando com Borba (2005) que o processo de sinonímia perfeita não existe, mas, ao ocorrer o processo de sinonímia as palavras empregadas podem ter distinções de significado, pois a entonação e o foco contribuem para as possibilidades que uma palavra tem de se tornar sinônima.

O item lexical *neca* possui também, segundo o livro Aurélio a Dicionária da Língua Afiada, a variante *necão*, que são bastante ouvidos atualmente não só dentro da comunidade LGBTQ+,, mas também outros grupos foram influenciados pela divulgação do vocabulário Pajubá e muitas pessoas acabam utilizando sem perceber ou conhecer a origem do vocabulário, isso porque é comum até mesmo nos meios de comunicação ouvir algumas dessas palavras. Um dos apontamentos feitos por Borba (2005) a respeito da sinonímia é que os sinônimos são apenas sentidos próximos, mas com aplicações distintas e por isso é pertinente destacar que não existe sinônimos perfeitos, por motivos de fatores afetivos, estilísticos, entre outros.

Os vocábulos do Pajubá relacionados ao corpo humano são as expressões que mais predominam dentro das sentenças dos falantes, não só dos homossexuais, mas aplicando a todos os grupos sociais que utilizam o vocabulário cotidianamente. A partir da lista de palavras existente nos dicionários de sinônimos que teriam a função de substituição em alguns contextos, formula uma concepção de que os sinônimos são comutáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno dizer que o desenvolvimento deste trabalho é constituído basicamente de estudos semânticos. A abordagem teve a finalidade de proporcionar maneiras de compreender o vocabulário do Pajubá que, em geral, ainda é visto com certo preconceito. Para isso, foi feita uma investigação a respeito do que é identidade, do que é cultura, além de investigar a origem do Pajubá e suas aplicações no cotidiano do grupo LGBTQ+. Por meio desta tarefa, foi possível explicar sobre o processo semântico que acontece na utilização deste vocabulário, como por exemplo, a sinonímia.

Devido à grande parte da população ser influenciada pelas diferentes linguagens existentes em nossa sociedade, cada vez mais estamos condicionados a nos comunicar de acordo com o grupo social no qual nos inserimos, mas nem sempre sabemos as origens de uma gíria qualquer que usamos simplesmente por achar que tem caráter exclusivo de teor humorístico. Dessa forma, é importante ressaltar como é relevante entender sobre o vocabulário do Pajubá, o qual está se tornando presente no cotidiano de diversos grupos sociais, mas que grande parte das pessoas sequer conhece esse nome ou como surgiu.

Destacamos que a sociedade está em constante mudança e com isso a forma de se comunicar também passa por modificações, por isso a comunidade LGBTQ+ adaptou como forma de proteção, para se comunicar entre eles sem que suas falas fossem facilmente codificadas, uma vez que esse grupo ainda é vítima de grande intolerância e por isso, essa linguagem tão recorrente dentro da nossa língua ainda não seja reconhecida oficialmente.

As respostas ao questionário de perguntas conseguiram demonstrar a situação de uso de algumas pessoas que pertencem à comunidade LGBTQ+. Para mais, também foi evidenciado que os falantes desse vocabulário utilizam essas palavras principalmente quando estão em conexão com pessoas que compartilham do mesmo grupo social, possibilitando a apropriação do uso desses termos por pessoas próximas, mas que não pertence à comunidade LGBTQ+, mas também por pessoas pertencentes outros grupos sociais fora das suas redes de relação. Demonstrou também o como e o por quê dessas pessoas da comunidade em questão frequentemente fazerem uso do Pajubá para se comunicarem.

O Pajubá é muito mais do que uma relação de identidade, cultura, é uma maneira da comunidade LGBTQ+ mostrar seus mais diversos traços de diversidade e riqueza comunicativa. Posto isso, percebemos que esse vocabulário muitas vezes é responsável por reforçar estereótipos negativos, mas também tem o intuito de reverter um modelo conservador e obsoleto de sociedade, simplesmente através da linguagem. Além de destacar que dentro da língua portuguesa existem diversas perspectivas de linguagem, como é o caso do Pajubá, que tem origens de várias outras línguas e nem sempre é de conhecimento dos brasileiros.

As análises para o desenvolvimento desta pesquisa foram feitas com base no livro Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada e Bichonário – Um Dicionário Gay, sempre buscando fazer um paralelo entre as palavras utilizadas com maior frequência pelos entrevistados e por meio dos estudos semânticos de autores como Cançado (2008) Borba (2005), entre outros, mas sempre com foco na sinonímia.

Por fim, os estudos e discussões acerca desse vocabulário ainda estão longe de ser encerradas aqui, pois apesar do Pajubá está ganhando mais espaço, desempenhando um papel importante para a comunidade LGBTQ+ em contexto social e cultural, as informações sobre essa comunicação ainda são limitadas. A sociedade está evoluindo, mas esse grupo social enfrenta grande intolerância devido ao preconceito ainda fortemente enraizado no atual modelo social. Por isso, este trabalho tem o intuito de trazer compreensão sobre temática, apresentar que essa investigação pode ser importante para âmbito acadêmico-científico ao proporcionar discussões sobre a importância do reconhecimento e valorização da construção de novos termos e que se popularizam através das interações sociais e abrir espaço para que mais pesquisadores investiguem sobre a ampla fonte que é o vocabulário do Pajubá.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriela Costa. **(Re)encontrando o diálogo de bonecas**: O bajubá em uma perspectiva antropológica. Uberlândia. 2018. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa. São Paulo, v. 40 p. 27 – 46. 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O Conhecimento, a terminologia e o dicionário**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. São Paulo: Pontes, 2005.

BORBA, Rodrigo. **Linguística queer**: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. Revista Entrelinhas, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 91 – 107, jan./jun. 2015.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: Noções Básicas e Exercícios. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2009.

CRUZ, Luan da; TITO, Raphael de Paula. **A comunidade LGBT no desdobramento da língua iorubá**. CiFEFiL, Rio de Janeiro, v. XX, n. 12, p. 9 – 21. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1986.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade** PPGAS/UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 6, p. 1 – 14. 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomáz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 10. ed. São Paulo: Ática. 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, [s.n.] 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MAROCA, Thiago. **Dar a Elza**. Disponível em: <https://thiagomarooca.com/2016/05/11/dar-a-elza/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

NETTO JÚNIOR, Neurivan Gonçalves. **O percurso semântico de alguns vocábulos do Pajubá**: gírias faladas pelas bichas. Brasília: UNB, 2018. Portal da Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_II.php. Acesso em: 11 dez. 2019.

Portal da Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_II.php. Acessado em 11 de dezembro de 2019.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v.3 n.1, Apr.1997.

SANTOS JÚNIOR, Orocil. **Bichonário**: um dicionário gay. Salvador: do Autor, 1996.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. De Bajubá em Bajubá, onde será que vai dar? Apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. In: **II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte, 2010**, Belém. CD Virtual da II SBS Norte, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Silva, T.T.; Hall, S.; Woodward, K. (Orgs.) *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2012, p.73-102.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos, 1998.